



**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 42, (Jan/Dez) de 2026
ISSN: 2178-7476



**REVISTA LUTHER-KALENDER: REALIDADE EDUCACIONAL-RELIGIOSA NA SERRA DOS TAPES/
RS SOB O OLHAR DO PROFESSOR EMÍLIO WILLE (1917-1927).**

**LUTHER-KALENDER MAGAZINE: EDUCATIONAL-RELIGIOUS REALITY IN SERRA DOS TAPES/
RS THROUGH THE EYES OF PROFESSOR EMÍLIO WILLE (1917-1927).**

**REVISTA LUTHER-KALENDER: LA REALIDAD EDUCATIVO-RELIGIOSA EN SERRA DOS TAPES/
RS A TRAVÉS DE LA MIRADA DEL PROFESOR EMÍLIO WILLE (1917-1927).**

Beatriz Hellwig Neunfeld

Doutoranda em Educação - Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
Pelotas, RS - Brasil

E-mail: biahneunfeld@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7130-673X>

Bolsista CAPES

Patrícia Weiduschadt

Professora efetiva da Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
Pelotas, RS - Brasil

E-mail: prweidus@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-7591>

RESUMO: Neste trabalho trazemos uma reportagem que foi escrita pelo Professor Emílio Wille em 1927 e publicada na Revista *Luther-Kalender* no ano de 1928, em que ele relata o trabalho como professor escolar no contexto do luteranismo apresentando o histórico do início da paróquia evangélica na região meridional do Rio Grande do Sul, mais especificamente na Serra dos Tapes, entre os anos de 1917 até 1927. Buscamos, como objetivo principal nesta escrita, analisar criticamente as fontes para entender a gênese da escola paroquial luterana de Solidez e da escola da missão de Manoel do Rego, bem como das comunidades envolvidas neste contexto; para isto, utilizamos a metodologia de análise documental (Cellard, 2012 e Le Goff, 2003), iconográfica (Panofsky, 2017 e Kossoy, 2020) e a noção de *habitus* (Bourdieu, 2025). Percebe-se, então, na narrativa do professor Emílio Wille a reafirmação de *sui generis* em sua trajetória na educação dentro do *habitus* religioso do luteranismo.

PALAVRAS-CHAVE: Revista Étnica; Escola Paroquial; Luteranismo; Trajetória e Iconografia.

ABSTRACT: In this work, we present a report written by Professor Emílio Wille in 1927 and published in the *Luther-Kalender* magazine in 1928, in which he recounts his work as a school teacher within the context of Lutheranism, presenting the history of the beginning of the evangelical parish in the southern region of Rio Grande do Sul, more specifically in the Serra dos Tapes, between the years 1917 and 1927. Our main objective

in this writing is to critically analyze the sources to understand the genesis of the Lutheran parish school of Solidez and the mission school of Manoel do Rego, as well as the communities involved in this context; for this, we used the methodology of documentary analysis (Cellard, 2012 and Le Goff, 2003), iconographic analysis (Panofsky, 2017 and Kossoy, 2020), and the notion of habitus (Bourdieu, 2025). It is therefore noticeable in Professor Emílio Wille's narrative that his trajectory in education within the religious habitus of Lutheranism is unique.

KEYWORDS: Étnica Magazine; Parish School; Lutheranism; Trajectory and Iconography.

RESUMEN: En este trabajo, presentamos un informe escrito por el profesor Emílio Wille en 1927 y publicado en la revista *Luther-Kalender* en 1928, en el que relata su labor como maestro de escuela en el contexto del luteranismo, presentando la historia del inicio de la parroquia evangélica en la región sur de Rio Grande do Sul, más específicamente en la Serra dos Tapes, entre los años 1917 y 1927. Nuestro principal objetivo en este escrito es analizar críticamente las fuentes para comprender la génesis de la escuela parroquial luterana de Solidez y la escuela misionera de Manoel do Rego, así como las comunidades involucradas en este contexto; para ello, utilizamos la metodología del análisis documental (Cellard, 2012 y Le Goff, 2003), el análisis iconográfico (Panofsky, 2017 y Kossoy, 2020) y la noción de habitus (Bourdieu, 2025). Por lo tanto, resulta evidente en la narración del profesor Emílio Wille que su trayectoria educativa dentro del ámbito religioso del luteranismo es única.

PALABRAS CLAVE: Revista Étnica; Escuela Parroquial; Luteranismo; Trayectoria e Iconografía.

Apontamentos iniciais sobre a trajetória de Emílio Wille e a circulação da Revista *Luther-Kalender*

A comunicação é uma das partes essenciais da existência humana, é inerente e fundamental nas relações sociais e identitárias e acompanha os seres humanos desde a sua gênese. Neste trabalho nos debruçamos sobre um artigo publicado na Revista *Luther-Kalender* no ano de 1928, constante em suas páginas 37 até 44. O texto está publicado em língua alemã, e é escrito/comunicado pelo então professor de Solidez, Emílio Wille. A tradução do título para a língua portuguesa informa que se trata de um “Breve histórico da paróquia evangélica luterana de Solidez, município de Canguçu, Rio Grande do Sul 1917 - 1927”.

Ressaltamos, nesse sentido, que muitos estudos apontam a presença de revistas especializadas para o público religioso luterano, especificamente da vertente missouriana¹. Assim, o presente artigo se conecta à imprensa étnica que circulava em comunidades religiosas luteranas, no contexto das igrejas luteranas oficiais. Tendo isto em vista, objetivamos analisar criticamente as fontes para entender o início da escola paroquial de Solidez e da escola da missão de Manoel do Rego, bem como das comunidades luteranas envolvidas neste contexto, o da região meridional do Rio Grande do Sul.

As publicações do anuário *Luther-Kalender* contavam com informações relatadas por párocos e professores da instituição luterana, como foi o caso da escrita de Emílio Alberto Roberto Wille.² Filho de imigrantes pomeranos cujos pais nasceram em *Pommern, Preußen*, e vieram para o Brasil em meados de 1881, para a região do atual município de São Lourenço do Sul, sua história está

¹ Ver mais sobre o assunto das Revistas do Missouri nos trabalhos de: Albrecht, 2023; Weiduschadt, 2012; Costa, 2025.

² A pesquisa da tese de doutorado que estamos desenvolvendo é sobre a trajetória de Emílio Wille.

diretamente ligada ao contexto da História da Educação da região da Serra dos Tapes³ e das igrejas de imigração. Quando criança, Emílio Wille e sua família eram membros da igreja independente,⁴ depois, na adolescência, no ano de 1903, ele começou os estudos de teologia na igreja luterana do Sínodo de Missouri da *Lutheran Church* dos Estados Unidos - LCMS, em um seminário fundado na colônia de São Lourenço do Sul, município da Serra dos Tapes, na localidade rural de Bom Jesus. Foi na referida localidade onde começou o então projeto dos missionários estadunidenses de instalar o primeiro Instituto de pedagogia e teologia na América do Sul, que atualmente é o Seminário Concórdia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB.

Na vida adulta, Wille concluiu os seus estudos teológicos nos Estados Unidos e trabalhou como professor e pastor da IELB. Seu primeiro trabalho na IELB foi como professor paroquial na Santa Coleta/Pelotas, de 1905 a 1907 (antes de ir estudar nos Estados Unidos), e posteriormente, em 1923, em Solidez, no primeiro Distrito de Canguçu/RS. É neste último contexto que Wille escreve o artigo que aqui analisamos.

A Revista *Luther-Kalender* era um anuário de cunho popular, de grande circulação entre os grupos teuto-brasileiros do luteranismo, inspirado nos modelos impressos na Alemanha, conforme podemos ler e estudar nas pesquisas de Rosane Marcia Neumann: “Os editores dos anuários em língua alemã, publicados no Rio Grande do Sul, do final do século XIX até meados do século XX, inspiraram-se nos modelos do gênero impressos na Alemanha” (Neumann, 2020, p. 3). Aqui no Brasil, em meados do século XX, a referida revista passou a ser impressa em Porto Alegre/RS, como também nos comprova a autora: “em 1925, passou a ser publicado na capital o *Luther-Kalender* (Anuário Luterano para a América do Sul), [...] a cargo da Casa Publicadora Concórdia” (Neumann, 2020, p. 4). O anuário *Luther-Kalender* circulava principalmente entre imigrantes alemães e seus descendentes, nas comunidades evangélicas luteranas da América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina.

Os almanaques eram um meio de comunicação em massa: “o gênero almanaque é um impresso de difusão mundial, cuja relevância à história da leitura é indiscutível” (Lehmann, 2025, p. 36). Extremamente comum entre as populações brasileiras do início e metade do século XX, esse gênero era um documento de informação e comunicação popular escrita,⁵ sendo os mais conhecidos os de farmácia, financiados pelos laboratórios farmacêuticos, “No Brasil, este gênero de almanaque tornou-se muito popular, tornando-se uma fonte de informação privilegiada, tanto no meio rural quanto urbano, sobretudo nas primeiras décadas do século XX” (Dourado, 2018, p. 42). O almanaque *Luther-Kalender*, por ser escrito em língua alemã, circulava principalmente entre os descendentes de

3 Ver mais sobre o assunto da História da educação na região da Serra dos Tapes em: Roming, Karen Laiz Krause; Weiduschadt, Patrícia. A artefaria pedagógica na Escola Dominical da IELB – (1970- 2000): reflexões iniciais. In: Encontro De Pós-Graduação, 26, 2024. Anais. Pelotas: UFPel, 2024.

4 As três vertentes luteranas que estão presentes na região de São Lourenço são: o Sínodo de Missouri (LC-MS), atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) – Para aprofundar o assunto, ver Weiduschat (2007); as Igrejas independentes, instituições religiosas que atuam de forma autônoma sem vinculação a nenhum sínodo – Para aprofundar no assunto, ver Teichmann (1996); e o Sínodo Rio-Grandense, atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – Para aprofundar no assunto, ver Dreher (1984).

5 Ver mais sobre o assunto dos gêneros de almanaque em: O Almanaque Enquanto Documento De Informação E Comunicação Popular Escrita: A Coleção Da Família Carneiro Rezende - Dourado, 2018.

imigrantes europeus na América do Sul: “É inegável a importância do gênero almanaque produzido em língua alemã no Rio Grande do Sul no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Sendo uma das poucas opções de leitura da sua comunidade de leitura” (Lehmann, 2015, p.50), esse material era muito popular, inclusive por isso, entre as comunidades rurais.

Os almanaques do *Luther-Kalender* traziam nas suas publicações conteúdos estatísticos, calendários, feriados e dias memoráveis, orações, poemas cristocêntricos da religiosidade luterana, propagandas de empresas e medicações, espaço reservado para anotações de *Gedenktage* (Dias memoriais), indicações de leituras bíblicas, orientações sobre cuidados com a saúde, endereços de pastores e professores, e muitas reportagens informativas sobre os luteranos e suas congregações, principalmente reportagens sobre o contexto histórico do luteranismo de imigração. O primeiro contato com esse material do anuário foi possível quando foram recebidas de presente/doação quatro revistas da neta do pesquisado Emílio Wille, Gertrudes Buss Pinz; as edições são do ano de 1928, como a que está sendo apresentada neste trabalho. Além desta, as outras edições são dos anos de 1948, 1951 e do ano de 1958. A publicação do *Luther-Kalender*, escrita em língua alemã, provavelmente foi encerrada na década de mil novecentos e oitenta, tendo sido suspensa no período da Segunda Guerra Mundial a publicação foi, em função da publicação ser em língua alemã: “O anuário *Luther-Kalender* e o *Andachtskalender* de 1942 também não puderam ser publicados. O total de exemplares dessas três publicações no ano anterior tinham sido de 12 mil” (Rehfeldt, 2003, p. 141).

Abaixo, na figura 1, podemos ver a capa do anuário que trazemos neste trabalho.

Figura 1 - Capa da Revista Étnica Luther-Kalender



Fonte:Acervo próprio - Doação da Gertrudes Buss Pinz.

A capa traz elementos do luteranismo, além do nome Luther, que faz referência ao reformador

Martinho Lutero. A imagem que ilustra essa capa mostra o desenho de um Castelo, que provavelmente remete ao Castelo de *Wartburg*, na Alemanha.⁶ Vemos escrito em alemão, ao lado do desenho, “Um Castelo Forte é o nosso Deus”, fazendo alusão ao abrigo e à fortaleza. No entorno da capa, como moldura, vemos folhas de carvalho, que provavelmente também têm a intenção de transmitir força e resistência inabaláveis.

Além dos elementos descritos em primeiro plano, a imagem também apresenta a identidade luterana da tradição, que era o que possivelmente se tinha a intenção de transmitir para as comunidades leitoras do material. Pois, ao remeter à história do luteranismo e ao reformador Martinho Lutero, o editorial construía um certo saudosismo nos leitores além mar, que neste período da década de noventa e mil vinte já estavam na terceira geração de leitores descendentes de imigrantes e tentavam criar uma identidade religiosa histórica do luteranismo de tradição e unidade.

Fontes fotográficas e documentais: aspectos teóricos e metodológicos

A trajetória de Emílio Wille é marcada por inúmeros percalços para colocar em prática seus sonhos e projetos no trabalho do luteranismo, fato que fica ainda mais evidente neste artigo que aqui apresentamos. Com muita persistência ele concluiu os seus estudos teológicos e começou a trabalhar como professor das escolas missionária e paróquia da Igreja Luterana, nas congregações de Manoel do Rego e Solidez. Buscamos verificar as fontes documentais e iconográficas, pois os documentos podem ser um elo vivo entre o passado e o presente quando problematizados: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou.” (Le Goff, 2003, p. 536). Nesta perspectiva o documento não é apenas um registro do passado, mas uma construção que reflete a visão de mundo, as relações de poder, os interesses, os fatos históricos etc., tornando-se uma importante fonte histórica para o diálogo do presente com o passado quando é submetido ao processo crítico.

Para entender e ter uma melhor compreensão de como se deu a trajetória de Emílio Wille no campo da educação e da religiosidade luterana, recorreremos às análises das fontes, fundamentando-nos na visão sociológica de Pierre Bourdieu de que a vida de um indivíduo só pode ser compreendida ao ser analisada enquanto trajetória social inscrita em campos específicos e através do *habitus*. Bourdieu (2006), nesse sentido, explica que tentar entender uma vida como uma série isolada de eventos é um erro, pois a trajetória individual é inseparável das estruturas sociais (campos) e do *habitus* (disposições internalizadas) que moldam as escolhas e experiências.

Bourdieu (2006) sugere analisar, então, a vida dentro das relações objetivas de um campo, como uma rede, como o trajeto de estações de metrô, em vez de ver os eventos como autônomos e sem conexão: “Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no

⁶ O Castelo de Wartburg atualmente é Patrimônio Mundial da Unesco devido à importância histórica de quase mil anos. Tendo sido construído por volta de 1067 já foi palco de vários fatos, entre eles o nascimento do alemão moderno com a tradução da Bíblia feita por Martinho Lutero.

espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (Bourdieu, 2006, p. 189). Uma trajetória, assim, não é apenas história pessoal, ou fruto de escolhas individuais, mas expressão de uma posição social do campo em que se está inserido. A sociedade é organizada conforme capitais distribuídos entre os agentes envolvidos no mesmo campo.

A metáfora proposta por Bourdieu, do trajeto do metrô, da vida ser compreendida dentro da estrutura social que move o indivíduo nas conexões, pode ser pensada neste contexto histórico da vida de Wille dentro da estrutura social da educação e do campo da religiosidade luterana. perspectiva apresentada neste trabalho, quando ele é finalmente “promovido”, conforme o termo utilizado por Bourdieu, para ser professor da IELB.

Portanto, parece que a implicação teórica central neste caso é que não se pode entender uma trajetória individual sem analisar o campo social em que ela se desenrola e o conjunto de relações objetivas que conectam o indivíduo aos demais agentes sociais. A biografia deixa de ser uma narrativa puramente pessoal e passa a ser uma expressão das estruturas sociais em movimento: “É na relação bastante complexa entre os agentes e o campo que habitam, e que habita neles (por meio de seu *habitus*) que se instituem as relações práticas com esse campo, às posições que o constituem e àqueles aí situados.” (Bourdieu, 2025, p. 526). Essa compreensão reforça a perspectiva sociológica de Bourdieu de que as vidas individuais só ganham sentido quando analisadas em relação às estruturas sociais, aos campos e às relações de poder que as moldam.

Toda trajetória deve, assim, ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, tendo o *habitus* como mediador, sendo o *habitus* o “social incorporado”, tendo as estruturas sociais interiorizadas que o moldam. São disposições adquiridas ao longo da vida que funcionam como uma bússola, permitindo que o agente antecipe as jogadas dentro do campo sem precisar de um plano consciente. Desse modo, a prática social é o resultado do encontro entre um *habitus* (história individual) e um campo (estrutura social externa).

Emílio Wille escreve no almanaque informativo da instituição como professor de uma escola ligada a uma congregação teuto-brasileira e como missionário em uma comunidade negra. Podemos conjecturar que ele relata e publica o trabalho para ser reconhecido no meio religioso de pertencimento luterano; para contar e, de certa forma, legitimar o seu trabalho. No seu relato, a ênfase, além da escrita, está no envio de fotografias que foram divulgadas na matéria, são cinco fotografias selecionadas por Emílio Wille para serem publicadas junto com a sua escrita no artigo de 1928 do *Luther-Kalender*. Para a época, pode-se considerar um número significativo, talvez em razão da singularidade da apresentação de duas comunidades, uma teuto-brasileira e outra missão com negros convertidos ao luteranismo, na região.

Para realizar a interpretação das fotografias, utilizamos a metodologia dos três níveis (pré-iconográfico, iconográfico e iconológico) proposta por Erwin Panofsky e adaptada por Boris

Kossoy como documento histórico. Conforme Kossoy, as fotografias nos permitem ter uma melhor compreensão dos fatos: “O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica.” (Kossoy, 2020 , p. 30). A fotografia tornou-se um registro valioso e essencial para a memória visual e a construção da história, não apenas dos grandes eventos, mas da vida de todos os homens, oferecendo provas visuais que conectam o tempo.

A utilização de fontes iconográficas por historiadores ainda é uma prática bastante tímida, mas elas nos fornecem um potencial diversificado e valioso para a construção do conhecimento histórico. De acordo com Erwin Panofsky, a “Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras” (Panofsky, 2017, p. 47). Essa citação resume bem a abordagem de Panofsky sobre como se interpreta o significado por trás das imagens, diferenciando formas de conteúdos simbólicos. Com a readaptação da técnica por Kossoy para a utilização nas fotografias, a iconografia não se limita ao “o que vejo”, mas investiga “o que significa”. Panofsky enfatiza que entender a obra de arte exige perceber os símbolos, referências e contexto cultural, além da simples representação visual.

Para Panofsky, não se trata apenas de olhar para cores, formas ou técnica, mas de estudar o significado que essas obras carregam. Identificar o que a obra representa, o assunto central, percebendo a mensagem que envolve o sentido simbólico, cultural ou moral que a obra transmite. Por exemplo, uma pintura de uma cena bíblica pode não ser apenas narrativa, mas também transmitir ideias sobre virtude, fé ou poder político.

Diante desse aporte teórico e metodológico, pretendemos, portanto, a partir da publicação que segue traduzida abaixo, entender melhor o início das escolas e congregações luteranas de Manoel do Rego e Teuto-brasileira da Solidez.

Itinerários do Professor e Missionário na Comunidade Negra e Teuto-Brasileira

Como já foi aludido, o relato de Emílio Wille publicado no almanaque mostra o seu trabalho de educador, missionário e aspirante ao pastorado como forma de evidenciar a atuação *sui generis* entre a comunidade teuto-brasileira e uma população negra no meio luterano.⁷ Sobre a trajetória do autor, Emílio Alberto Roberto Wille dedicou-se à educação ao longo de toda a sua vida. O seu nascimento, em 1886, foi na localidade da Harmonia, no quarto Distrito do município de São Lourenço do Sul, no estado do Rio Grande do Sul/BR; e o ano de sua morte foi 1964, em Canguçu, onde está seu túmulo. Ele foi o primeiro aluno matriculado no Seminário Concórdia do Sínodo de Missouri(LC-

⁷ O texto que aqui analisamos, escrito por Emílio Wille e publicado no anuário *Luther-Kalender* no ano de 1928, intitulado: “*Kurze Geschichte der evangelisch-lutherischen. Gemeinde zu Solidez, Município Cangussú, Rio Grande do Sul. 1917 - 1927.*” (Breve histórico da Congregação evangélica luterana de Solidez, município de Canguçu, Rio Grande do Sul. 1917 - 1927), foi traduzido na íntegra e segue completo apresentado abaixo nas citações.

MS), em 1903. A formação intelectual teológica de Emílio Wille foi concluída nos Estados Unidos, no dia 10 de agosto de 1910, tendo ele voltado para o Brasil, o seu país de origem, onde dedicou o resto da sua vida à educação luterana.

Os escritos e as fontes iconográficas analisados a seguir auxiliam a compreender a formação pedagógica e teológica no contexto da imigração e fornecem problematizações importantes para pensar os percursos das instituições educativas que foram organizadas pelos imigrantes, grupos étnicos pomeranos/alemães e a comunidade negra de Manoel do Rego com influência estadunidense luterana de missão, contexto em que surge a voz de Wille..

Na localidade de Solidez, no primeiro Distrito de Canguçu/RS, coexistem, até hoje, muito próximas, duas congregações da Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB: a Congregação Redenção de Manoel do Rego, que foi fundada no ano de 1927, e a Congregação Redentor, que iniciou no ano de 1917.⁸ Conforme Dilza Pôrto Gonçalves, “Hoje a Congregação Manuel do Rego é identificada pelos moradores da região como ‘a igreja dos negros’, ou ainda, ‘aquela igreja que tem coral dos negros’ (Gonçalves, 2008, p. 99). Tendo em vista que “os membros da congregação são de maioria negra, têm ainda três famílias conhecidas como ‘os brasileiros’, e a D. Adolfinia, que é conhecida como ‘alemã’. O coral de negros é misto, ou seja, participam homens e mulheres com idades variadas” (Gonçalves, 2008, p. 100). Dilza escreve ainda sobre texto do pastor Drews, em que ele destaca a presença de pessoas mais devotas e enfatiza o nome de João José Alves,⁹ que “mais tarde formou-se ministro de Deus em nosso Seminário Concórdia de Porto Alegre, assumindo então o serviço em Manuel dos Regos e, mais tarde, em Pelotas, onde veio a falecer há alguns anos” (Drews, 1966, p. 74). O pastor João José Alves foi o primeiro pastor negro da América do Sul a se formar na Igreja luterana.

Os estudos de Nara Beatriz Matias Soares¹⁰, apresentam uma análise da perspectiva geracional de pais e filhos de quatro comunidades quilombolas do município de Canguçu, no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul. Soares relata que atualmente a comunidade Manoel do Rego pertence à associação quilombola, e que “grande parte dos associados do Quilombo Manoel do Rego congregam na Congregação Evangélica Luterana Redenção Manoel do Rego, que é filiada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)”. (Soares, 2024, p.72).

Então, a partir do entendimento desse contexto histórico e da organização atual desse território, voltamos, agora, ao relatório publicado. Abaixo podemos ver o título, na íntegra, do início do texto escrito e publicado por Wille, que pode ser visto na Figura 2; realizamos a tradução do mesmo e ele pode ser acompanhado nas próximas páginas.

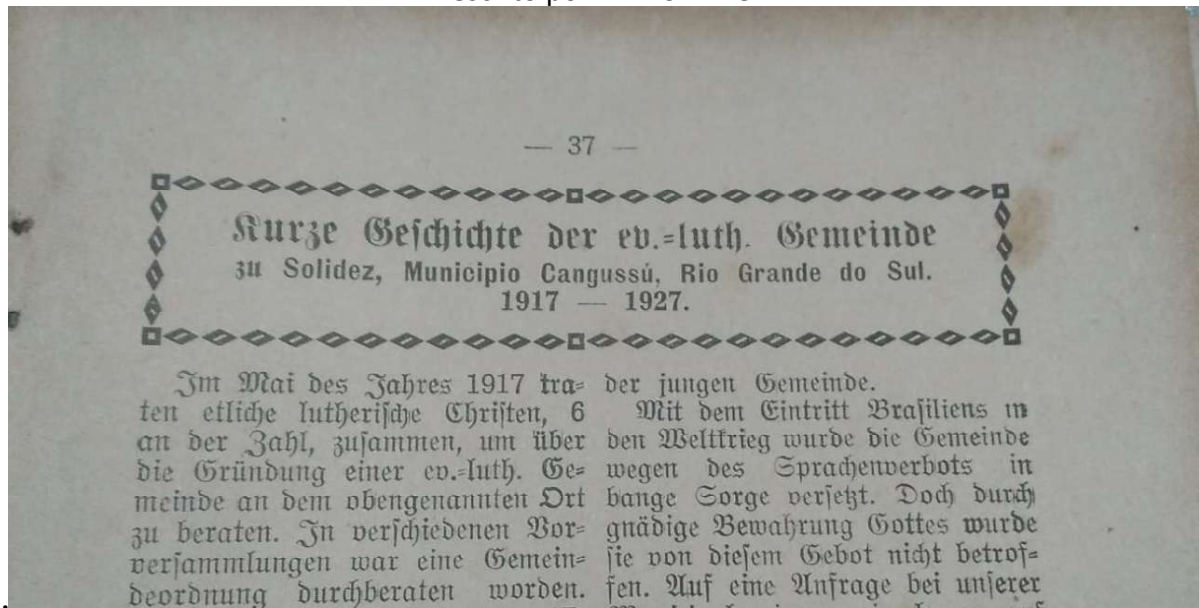
Figura 2 - Fragmento da página 37 da Revista Luther-Kalender com o título da publicação do artigo

8 Podemos ver a atual capela da Congregação de Manoel do Rego e da congregação Redentora de Solidez na pesquisa de Dilza Pôrto Gonçalves que estudou as relações interétnicas, analisando os três grupos juntos: Os descendentes de lusos; Os germânicos e os africanos.

9 Texto do pastor August Drews que foi publicado no Lar Cristão – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 72.

10 Trajetórias e identidade quilombolas: uma análise geracional junto a comunidades quilombolas de Canguçu/RS. Soares, Nara Beatriz Matias, Dissertação UFPEL, Pelotas, 2024.

escrito por Emílio Wille



Fonte: Acervo próprio - Doação da Gertrudes.

Emílio Wille começa o artigo descrevendo como se deu o início da congregação evangélica luterana de Solidez em 1917, ele narra a organização congregacional das famílias: “Em maio de 1917, seis cristãos luteranos se reuniram para discutir a fundação de uma congregação evangélica luterana naquele local. Um conjunto de estatutos congregacionais havia sido amplamente debatido em diversas reuniões preliminares” (Wille, 1928, p. 37, tradução nossa). Na análise desse trecho inicial do artigo é possível entender que quando decidiram pela fundação da congregação luterana em Solidez, Emílio Wille pretendia se mudar com a sua família para essa região de Canguçu; ele estava residindo em Santa Coleta, no interior de Pelotas, com a sua família, região onde a sua esposa Guilhermina morava.

No trecho a seguir, Wille relata que os pastores de Bom Jesus, do interior de São Lourenço do Sul, e de Santa Coleta, do interior de Pelotas, foram os primeiros pastores a atenderem à nova congregação: “A congregação nomeou o Pastor August Reimnitz, da Igreja Bom Jesus, como seu pastor. [...] Como o Pastor Reimnitz foi chamado para outra região no ano seguinte, o Sr. Pastor G. Daschner, de Santa Coleta, assumiu as funções da jovem comunidade” (Wille, 1928, p. 37, tradução nossa).

Emílio Wille fala da apreensão dos membros da comunidade quando houve restrições e proibições ao uso de línguas estrangeiras, porque a congregação realizava os cultos em língua alemã: “Com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, a congregação ficou apreensiva devido à proibição do uso do idioma.” (Wille, 1928, p. 37, tradução nossa). Fato que ocorreu quando o Brasil se juntou aos Aliados, em outubro de 1917, após os navios mercantes brasileiros, carregados de café, serem alvos de submarinos alemães. “Nos primeiros anos do trabalho, a língua alemã era a única utilizada pelos missionários do Sínodo de Missouri no Brasil. Por alguns meses durante a primeira

Guerra Mundial, o uso da língua alemã foi proibido até certo ponto”, explica Rehfeldt, (2003 , p. 140).

Wille escreve que consultaram a prefeitura de Canguçu sobre a continuidade dos cultos em língua alemã, o que foi autorizado pelas autoridades municipais da época, como podemos ver na tradução do trecho: “Ao consultarmos a prefeitura sobre a proibição, fomos informados de que poderíamos realizar nossos cultos sem impedimentos. De fato, o zelador da igreja e o tabelião até compareceram a um dos cultos” (Wille, 1928, p. 37, tradução nossa).

Na sequência do texto, Wille traz o fato histórico de como aconteceu o início da escola comunitária de Solidez. Pode-se perceber que a sua trajetória e da comunidade eram marcadas pelo envolvimento familiar, já que os seus irmãos (Roberto Wille e Frederico Wille) estavam à frente da escola, trabalhando como professores:

Desde a sua fundação, a comunidade tinha a intenção de abrir uma escola comunitária com aulas escritas. Como havia poucas crianças (dois membros tinham filhos em idade escolar obrigatória), inicialmente, as aulas eram ministradas apenas alguns dias por semana por um membro da comunidade. Quando esse membro, o Sr. Rob. Wille, foi chamado de volta para Triunfo, onde já havia trabalhado como professor por vários anos, outro membro da comunidade, o Sr. Friedr. Wille, assumiu a escola até segunda ordem (Wille, 1928, p. 37, tradução nossa).

Na continuidade do artigo, Wille informa que era considerável a distância de Santa Coleta/Pelotas até Solidez/Canguçu: “Devido à grande distância, o atendimento à comunidade a partir de Santa Coleta era limitado, então a comunidade [...] ousou chamar seu próprio pastor, que passou a servir também a escola comunitária” (Wille, 1928, p. 38, tradução nossa). Para a época, realmente era uma distância considerável um trajeto de em torno de 90 km. Uma vez que não havia veículos motores disponíveis para eles, normalmente os deslocamentos eram realizados com montaria ou tração de carroças, a cavalo ou a pé.

O luteranismo tinha como prioridade zelar pela escola e pela educação escolarizada para os filhos dos seus membros, a partir dos ensinamentos de Martinho Lutero no período histórico da Reforma Protestante, conselho que foi seguido também pelo Sínodo de Missouri: “Ao lado de cada congregação uma escola - este era o alvo do Sínodo de Missouri desde a sua fundação em 1847” (Steyer, 1999, p.36). Portanto, os membros, embora em pouca quantidade naquele momento, “ousaram” realizar o chamado para que viesse um pastor para atendê-los tanto no pastorado como na educação escolar dos filhos, pois “havia perspectivas de crescimento para a comunidade, à medida que mais e mais colonos se estabeleceram em Solidez” (Wille, 1928, p. 38, tradução nossa).

Neste trecho do texto, Wille colocou uma fotografia para ser publicada, o título da fotografia no *Luther-Kalender* é “O velho Reger, que foi o primeiro a participar dos cultos religiosos alemães”. Na imagem observa-se um senhor sentado num banco em frente a uma construção de tijolos, que pelas características de outras fotografias, já analisadas ao longo da pesquisa do doutorado, em que este senhor também aparece junto com o grupo, provavelmente seja localização o templo da

congregação de Manoel do Rego. A técnica fotográfica é de baixa resolução, o que era comum em câmeras portáteis da primeira metade do século XX.

Fotografia 1 - Publicada na página 38 do *Luther-Kalender* de 1928 - “O velho Reger, que foi o primeiro a participar dos cultos religiosos alemães”.



Fonte: Acervo próprio do anuário *Luther Kalender*- Doação Gertrudes Buss Pinz.

Na interpretação dos três níveis sugerida por Erwin Panofsky e na perspectiva de Boris Kossoy, nesta fotografia vemos, no sentido pré-iconográfico, um homem sentado diante de uma parede de tijolos aparentes. Ele usa chapéu de aba média, camisa clara, paletó escuro, calça clara e calçados fechados. Segura um objeto longo semelhante a um bastão, cajado ou ferramenta, suas mãos repousam sobre o objeto. A expressão é serena e o corpo está ligeiramente inclinado para frente. Está sentado em um banco simples, de madeira. O chão é de terra batida.

Conforme o reconhecimento iconográfico, a vestimenta sugere trajes modestos, típicos de homens, trabalhadores rurais da virada do século XIX e início do século XX no Brasil. O objeto longo pode remeter a instrumento de trabalho como um cabo, enxada, foice sem lâmina visível ou a apoio físico, que era um símbolo recorrente em retratos de trabalhadores e idosos. A pose frontal e o enquadramento central lembram o estilo documental de retratos etnográficos comuns no final do século XIX e início do XX. A parede de tijolos indica um ambiente externo de construção simples.

A análise iconológica indica que a imagem que mostra a existência histórica daquele momento, daquele corpo e daquele cenário é um fragmento literal do passado. Kossoy lembra que toda fotografia é uma construção, assim, a imagem é resultado de escolhas da pose, do enquadramento, do local e da

intenção do fotógrafo. Um possível sentido construído é o da memória e invisibilidade. A fotografia preserva uma existência individual que, de outro modo, talvez permanecesse invisível. Contudo, o modo como a imagem foi construída define o tipo de memória que permanece. É uma memória moldada pelo olhar do outro sobre esse senhor.

Após a fotografia, Emílio Wille explica, no trecho do texto abaixo, os motivos porque pediram um pastor para atender exclusivamente a congregação de Solidez, ele relata a dificuldade dos pastores da Igreja luterana em realizar cultos em língua portuguesa, e que os membros pediram para que o pastor lesse em língua portuguesa, visto que na comunidade tinham várias pessoas que não compreendiam a língua alemã, como era o caso dos “negros e lusos que viviam na região” (Wille, 1928, p.39, tradução nossa), Para que eles “tivessem oportunidade de ouvir a palavra de Deus em seu próprio idioma” (Wille, 1928, p.39, tradução nossa), pediram então por um pastor que dominasse a língua portuguesa.

O chamado foi enviado ao pastor August Drews que começou o trabalho na Solidez no mês de março de 1919. Todos os domingos ele realizava um culto em língua portuguesa e outro em alemão, para que todos os moradores locais pudessem compreender na sua própria língua, “E como a comunidade ainda não possuía sua própria casa, um membro disponibilizou um cômodo em sua residência para serviços religiosos, e posteriormente outro disponibilizou um prédio vazio. A escola da comunidade também funcionava neste prédio” (Wille, 1928, p.39, tradução nossa). A escola comunitária que Wille menciona nesta parte da sua comunicação, atendia, além dos membros da congregação luterana, aos alunos da comunidade em geral. Esta era uma realidade que ultrapassava as tensões da dificuldade da compreensão e utilização das línguas.

Embora o contexto histórico brasileiro, na época, fosse da educação como projeto de escola pública e laica, pois “No final do século XIX os republicanos anunciavam que se concretizaria o projeto de escola pública, obrigatória, gratuita, democrática e laica, cuja função seria a de corrigir as desigualdades sociais” (Darius, 2028, p. 35), esta realidade não chegava para todas as regiões do Brasil, principalmente nas áreas rurais como era o caso de Solidez. Mesmo que na Primeira República, após a separação entre Igreja e Estado ter sido estabelecida pela Constituição de 1891, e de assim a educação deixar de ser oficialmente religiosa, o poder público não possuía um sistema escolar suficientemente amplo para atender toda a população. Por isso, as escolas paroquiais, sobretudo em áreas de colonização e zonas rurais, eram “toleradas” e até indiretamente apoiadas, pois supriam uma lacuna do próprio Estado.

Muito além do Estado Novo do governo de Getúlio Vargas (1930), dos Grupos Escolares e do movimento da Escola Nova dos grandes centros, a comunidade de Solidez, assim como outras comunidades rurais afastadas dos grandes centros, se organizou sem apoio estatal. As comunidades de imigrantes desta região da Serra dos Tapes contaram com o apoio dos sínodos luteranos alemães e estadunidenses para isso, pois “mantinham ampla rede escolar com professores, em sua maioria, qualificados para o exercício da docência” (Albrecht, 2020, p. 32). Assim, a maior parte do material

didático e religioso que utilizavam nesta época era em língua alemã.

Em seguida, o Professor Emílio Wille escreve no artigo sobre a questão das dificuldades por parte de algumas pessoas que se consideram cristãs, mas que, conforme o próprio, eram pagãos cegos:

Em relação ao município estabeleceu uma ordem que a escola também tinha como objetivo servir de escola missionária, admitindo crianças lusas e negras. Devido a essa medida, os membros da comunidade tiveram que suportar muito ridículo e desprezo por parte daqueles, que ainda se consideravam cristãos, mas que, no fim das contas, não passavam de pagãos cegos. Para estes, era considerado uma vergonha que crianças alemãs frequentassem a escola com os brasileiros (Wille, 1928, p.39, tradução nossa).

Os estudos de Dilza Pôrto Gonçalves apontam que havia conflitos entre os grupos das duas igrejas luteranas de Solidez, e também aborda a questão do racismo entre os grupos: “os ‘alemães’ são racistas, como podem os ‘negros’ falar ‘alemão’. O jogo de acusações é mútuo entre ‘alemães’, ‘brasileiros’, ‘negros’ e ‘pomeranos’” (Gonçalves, 2008, p. 31). A convivência em alguns momentos entre os grupos negros, alemães e lusos não foi pacífica, “os tensionamentos também aconteciam no espaço religioso que era também o espaço do lazer” (Weiduschadt; Teixeira; Beiersdorf, 2013, p. 259).

Na sequência da escrita de Wille, ele relata que adotaram a medida de dois turnos de aula, o turno da manhã para as crianças dos membros da congregação de Solidez e o turno da tarde para atender aos alunos da missão: “Constataram que seria melhor separar a escola, isso foi feito, reservando-se o período da manhã para as crianças da congregação. A escola era aberta à comunidade e oferecia aulas à tarde para os alunos da missão” (Wille, 1928, p. 39, tradução nossa). Logo em seguida, na página 39, está a fotografia com o título “Casa Paroquial e edifício da igreja de Solidez”. A imagem mostra a Casa Paroquial de Solidez, cujo prédio foi cedido por um membro para a realização dos cultos e das aulas da escola. A imagem é de baixa definição, em preto e branco, possivelmente pela qualidade da publicação e pelo desgaste natural do tempo por que o anuário passou.

Fotografia 2 - Publicada na página 39 do *Luther-Kalender* de 1928 - “Casa Paroquial e edifício da igreja de Solidez”.



Fonte: Acervo próprio do anuário *Luther Kalender*- Doação Gertrudes Buss Pinz.

A fotografia mostra dois edifícios em uma paisagem aberta. O edifício principal, à direita, é uma construção simples, retangular, com telhado de duas águas feito de telhas de cerâmica. A fachada tem três janelas e uma porta central, as paredes claras, provavelmente caiadas. O edifício secundário, à esquerda, tem uma estrutura mais rústica, possivelmente feito de madeira ou pau-a-pique, telhado também de duas águas. A vegetação surge próxima, parcialmente ocultando sua lateral. No ambiente externo observa-se uma área gramada ou de campo com arbustos e árvores dispersas. A ausência de detalhes urbanos, como ruas, calçadas, postes, carros, comprova que se trata de uma área rural. Um caminho de terra leva à porta do edifício maior. Há a presença de duas figuras humanas ao fundo, próximas ao segundo edifício, mas muito pequenas e sem detalhes reconhecíveis.

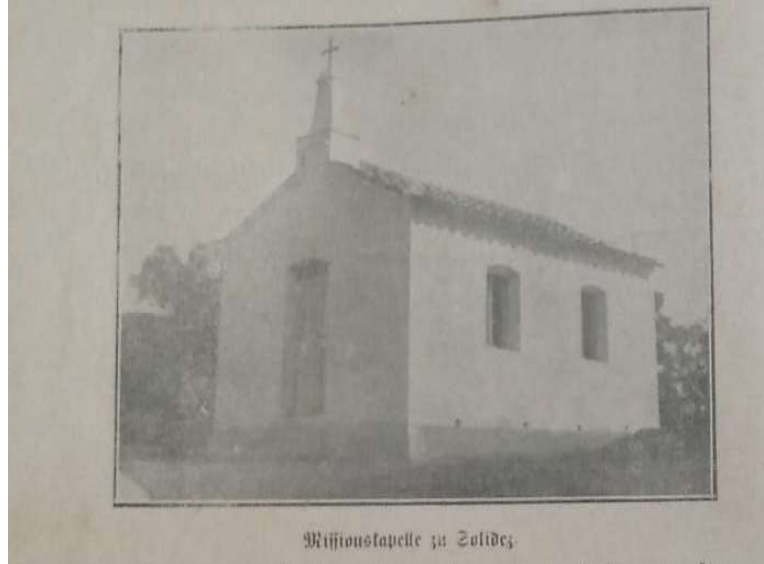
Ainda, identificamos elementos simbólicos e culturais presentes na imagem, como os edifícios remeterem a construções rurais do início do século XX, bem como escolas do interior, casas de colônia ou sedes de pequenas propriedades agrícolas. A simetria simples da fachada com a porta ao centro, janelas e as laterais, era comum em edifícios públicos rurais, especialmente em escolas primárias. A separação entre as duas construções sugere função diferenciada, como casa de moradia ou escola (à direita) e galpão, depósito, cocheira ou cozinha auxiliar (à esquerda). A paisagem campestre reforça o tema da ruralidade e da vida comunitária distante do centro urbano. A presença discreta de figuras humanas cria o motivo iconográfico da escala humana, mostrando o tamanho e o uso social das construções. Desta forma, a imagem segue convenções fotográficas documentais de enquadramento amplo, cuja intenção é a de registrar o espaço e focar no edifício, não nas pessoas.

Na interpretação histórica, social e simbólica, a imagem expressa, mesmo que não declaradamente, a representação do espaço rural organizado. A fotografia parece reforçar a ideia de ordem, simplicidade e funcionalidade das instituições ou residências rurais. Isso reflete o período em que se buscava demonstrar que o interior possuía estruturas básicas de educação, produção ou moradia. Valoriza a arquitetura simples como símbolo de civilização. A presença da escola rural, por exemplo, é vista como sinal de avanço educativo e moral. As figuras humanas estão distantes, quase imperceptíveis, o que simboliza a centralidade da instituição/edificação e a secundarização das pessoas que dela fazem parte. O foco nesta imagem, assim, está na estrutura física, não na comunidade que a habita ou utiliza. Constituindo-se, desta maneira, uma memória fotográfica de que o que sobreviverá ao tempo é o prédio idealizado, não a vida cotidiana, os conflitos, a precariedade ou as histórias humanas ali vividas, assim, a fotografia é ao mesmo tempo um vestígio do real (Kossoy) e a construção simbólica feita para comunicar algo específico.

Nesse sentido, em seu texto sobre o qual se fala, Wille escreve sobre a necessidade da comunidade ter seu próprio edifício, e o tamanho da construção do prédio escolar, e que naquele contexto a comunidade, “portanto, comprou um terreno de três hectares, no qual a casa paroquial foi construída. A inauguração da casa paroquial ocorreu em 1919. [...] em 1920, a construir uma pequena igreja e um prédio escolar com dimensões entre 3,6 e 4,2 metros” (Wille, 1928, p. 39,

tradução nossa). Nesta parte do artigo, na página 40, junto ao texto, segue a publicação da terceira fotografia, que apresenta a igreja construída em Solidez; a fotografia recebeu a seguinte inscrição: “Capela missionária em Solidez”. Na imagem vemos a igreja da congregação de Solidez, que foi construída pelos membros a partir do ano de 1920 tendo, conforme o texto de Wille, todos os materiais de construção fornecidos pelos membros.

Fotografia 3 - Publicada na página 40 do *Luther-Kalender* de 1928 - “Capela missionária em Solidez”.



Fonte: Acervo próprio do anuário *Luther Kalender*- Doação Gertrudes Buss Pinz.

A fotografia mostra uma pequena edificação isolada, de planta retangular, com paredes claras e telhado de duas águas. No ponto mais alto do telhado há uma cruz, elemento claramente visível. A construção possui poucas aberturas: uma porta frontal e janelas laterais. O edifício está inserido em um ambiente aberto, com vegetação ao redor, sem presença humana visível. Esses elementos elencados permitem identificar a construção como uma igreja ou capela, na área rural. A cruz no topo é um símbolo iconográfico central do cristianismo, associando o edifício ao culto religioso. A simplicidade arquitetônica, a ausência de ornamentos e o pequeno porte remetem a espaços de devoção comunitária evangélica, comuns em áreas rurais ou em comunidades de pequeno porte, especialmente entre o final do século XIX e início do século XX. A imagem é em preto e branco, com contraste suave e marcas de envelhecimento.

Na interpretação do significado intrínseco, em um plano mais profundo, a fotografia expressa a centralidade da religião na organização social e simbólica da comunidade. A capela isolada na paisagem sugere um espaço de referência espiritual, moral e identitária. Segundo Panofsky (2025), o significado intrínseco da imagem revela uma visão de mundo em que o sagrado estrutura o cotidiano, funcionando como eixo de coesão social. A construção simples simboliza valores como fé, humildade e permanência, evidenciando a presença da religiosidade como fundamento cultural e social.

De acordo com a análise, segundo Boris Kossoy (2020), da aparência do documento visível, a fotografia apresenta um registro arquitetônico, provavelmente feito com a intenção de documentar o edifício. O enquadramento frontal-lateral permite visualizar tanto a fachada quanto a lateral da construção. A ausência de pessoas reforça o foco no objeto fotografado. E o desgaste da imagem indica tratar-se de um documento antigo.

Sob a perspectiva de Kossoy, no nível da representação da intencionalidade e contexto de produção, a imagem é resultado de uma escolha do fotógrafo de fotografar a capela isoladamente, o que confere a ela status de monumento. A intenção pode ter sido a de registrar a existência da igreja, marcar sua importância para a comunidade ou preservar sua memória institucional. A fotografia constrói uma representação de permanência e solidez, destacando o edifício como símbolo de estabilidade espiritual e social.

Ainda na interpretação kossoyana, no nível da memória do documento latente, a fotografia guarda significados que ultrapassam o visível. Ela preserva a lembrança de práticas religiosas, encontros comunitários, rituais e experiências coletivas vividas naquele espaço. O documento latente revela a capela como lugar de memória, onde se condensam histórias individuais e coletivas. Assim, a imagem atua como testemunho de uma cultura marcada pela religiosidade e pela valorização dos espaços sagrados no território.

Emílio Wille segue descrevendo como se deu a construção da casa paroquial, que era uma construção consideravelmente pequena, medindo 32 x 27 polegadas, mas que para aquele momento foi importante para aquele grupo: “Como a paróquia também não possuía uma casa paroquial, em 1922 eles começaram a construir a sua própria. Ela foi concluída. Em 21 de julho de 1924, foi solenemente consagrada na presença de toda a comunidade” (Wille, 1928, p. 40, tradução nossa).

Na continuidade do histórico da comunidade de Solidez, Wille relata problemas que surgiram na congregação por um senhor que não concordava com as opiniões dos outros membros, mas queria ser admitido na igreja de Solidez; como não foi aceito, fundou um grupo de oposição à igreja. Em 1919, por exemplo, o então pastor Augusto H. Drews envia um relato¹¹ da dificuldade para a direção da igreja em que diz: “A comunidade (parcela alemã) não se encontra em situação satisfatória e há efervescências secretas não manifestadas nas reuniões públicas” (Drews, 1919, p. 51). No trecho seguinte da sua escrita podemos ver a resistência que encontrava na comunidade: “Aparecimento de pessoas que se dizem como pertencentes a outras comunidades luteranas, que nada de luteranismo realmente apresentam” (Drews, 1919, p. 51). Neste trecho é provável que o pastor Drews estivesse se referindo a alguma das outras ramificações das igrejas luteranas existentes na região.

11 A fonte de natureza documental traz as informações dos escritos do pastor August Drews, o documento está no Instituto Histórico da IELB. O Instituto Histórico está localizado junto ao Centro administrativo da Igreja Evangélica Luterana do Brasil que fica na Avenida C. Lucas de Oliveira, 894 - Mon't Serrat, Porto Alegre/RS. Por vários anos esse endereço também abrigou o Seminário Concórdia, que teve seu funcionamento no local de 1921 até o ano de 1984, quando foi transferido para São Leopoldo, onde se encontra desde de então o Seminário Concórdia.

Também podemos verificar nos relatos do pastor Drews a desconfiança das pessoas com relação ao trabalho que eles vinham desenvolvendo, principalmente a resistência dos membros com relação à aceitação da literatura religiosa luterana que eles utilizavam: “Há desconfiança com respeito ao nosso Catecismo” (Drews, 1919, p. 51). Os membros da congregação de Solidez não queriam aceitar o Catecismo utilizado pelo Sínodo de Missouri por haver estranhamento “considerando falho por não conter o mesmo que o Catecismo de Jasper, Catecismo este que na Pomerânia gozava de direito canônico, com algumas divergências em relação ao Catecismo Menor de Lutero” (Drews, 1919, p. 51). Podemos perceber, assim, que havia conflitos e tensões entre o mesmo grupo étnico teuto-brasileiro para aceitar ou não as orientações doutrinária e a atuação dos pastores na comunidade. Ou seja, dentro do grupo comunitário em relação a diferentes esferas, nesse caso, a religiosa, também perpassavam disputas e a necessidade de demarcar algumas convicções por causa da incompatibilidade de interesses.

O pároco, nos seus relatos para a direção da igreja, escreve sobre a família de Wille. Vale ressaltar que naquele período, em 1919, Emílio Wille ainda não tinha sido contratado como professor missionário de Manoel do Rego, ele trabalhava como professor particular. O pastor Drews relata que a família Wille era atuante no trabalho da Igreja, como podemos ver na citação: “Para alegria do pastor, a família Wille, de bom conhecimento religioso, auxilia o pastor com bastante energia e luta” (Drews, 1919, p. 51). Na análise das fontes, é perceptível o esforço de Emílio Wille e do Pastor Drews para que a direção da igreja o inserisse oficialmente como pastor da Igreja Luterana, fato que veio a ocorrer no ano de 1933.

No trecho seguinte do texto publicado no *Luther-kalender*, lemos sobre a sobrecarga de trabalho do pastor: “O número de membros votantes é 22. Além dessas, outras 6 famílias também se manifestaram. Com o crescimento do trabalho missionário entre lusos e negros, tornou-se impossível para o líder da igreja, P. A. Drews, administrar o trabalho sozinho” (Wille, 1928, p. 41, tradução nossa). Diante deste fato do excesso e sobrecarga de trabalho do pastor, solicitaram aconselhamento aos superiores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: “Quando a comissão missionária solicitou a visita do professor P. Schelp, ela resolveu a situação aconselhando a congregação a contratar um professor para a escola, para que o pastor Drews pudesse pelo menos ficar longe da escola” (Wille, 1928, p. 41, tradução nossa).

Na continuidade do texto, o autor quer evidenciar em imagem fotográfica os membros mais antigos da congregação de Solidez¹², entre eles o membro Julius Wille, pai do pesquisado Emílio Wille, que se mudou¹³ para Solidez após o início da paróquia¹³, o que ocorreu no ano de 1917. Vale lembrar

12 No artigo é apresentada a diretoria da congregação de Solidez, mas não é mencionada a diretoria da congregação de Manoel do Rego, talvez pelo fato histórico da organização da congregação e a inauguração da sua capela terem sido posteriores.

13 Nas colônias de imigrantes da região, seguindo tradições de garantir uma parte da terra para cada um, ocorria a subdivisão sucessória de herança das propriedades rurais entre os numerosos filhos de cada família. Com o passar das gerações (segunda, terceira), os lotes originais de 25 a 50 hectares foram subdivididos em pedaços cada vez menores, o que resultava em um crescimento de unidades produtivas, porém com dimensões sempre mais reduzidas, tendo mais minifúndios a cada geração. Este fato promovia as diásporas e migração Interna.

que neste período histórico da IELB somente os homens compunham a diretoria de uma congregação. Atualmente, no século XXI, esta realidade é ultrapassada, muitas congregações da IELB têm mulheres nos cargos de diretoria, embora o ministério pastoral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil ainda seja formado somente por homens, não sendo permitido que mulheres ocupem este cargo.

Fotografia 4 - Publicada na página 40 do *Luther-Kalender* de 1928 - "1. August Müller. 2. Friedrich Wille. 3. Julius Wille. 1 e 2: Conselho de Administração de 1917-1918. 1 e 3: Conselho de Administração atual".



Fonte: Acervo próprio do anuário *Luther-Kalender*- Doação Gertrudes Buss Pinz.

A fotografia mostra três homens brancos adultos, posicionados lado a lado, em pé, diante de um fundo natural composto por vegetação densa. Todos vestem roupas escuras, simples e formais, casacos fechados, calças compridas e sapatos. Dois deles apresentam barbas longas, enquanto o homem ao centro tem barba mais curta e segura um chapéu com a mão direita. A imagem é em preto e branco e apresenta baixo contraste, granulação acentuada e desgaste, indicando antiguidade e reprodução de um original impresso.

Os elementos visuais remetem a um retrato formal masculino, típico do final do século XIX e início do século XX. A presença das barbas longas associa-se a padrões culturais de maturidade, autoridade moral e respeitabilidade. O chapéu, objeto recorrente nesse tipo de retrato, funciona como símbolo de civilidade e decoro. O ambiente externo, natural, mostra um contexto rural.

A fotografia expressa uma visão de mundo pautada na sobriedade, na seriedade e na dignidade masculina. A postura rígida, os rostos austeros e o vestuário escuro refletem valores culturais ligados ao trabalho, à moral e à respeitabilidade social e religiosa. Segundo Panofsky, a imagem ultrapassa o simples retrato individual e se transforma em uma expressão simbólica de uma cultura do dever, da honra e da ordem, própria de sociedades tradicionais, vinculadas ao meio rural e a comunidades fortemente estruturadas por valores morais e religiosos.

Segundo Kossoy, a fotografia é sempre uma construção. Aqui, percebe-se a intenção de registrar e perpetuar a imagem de um pequeno grupo, ligado por laços, comunitários e institucionais.

A escolha da pose formal, mesmo em ambiente externo, indica o desejo de autoafirmação social. O chapéu segurado pelo homem central reforça o caráter cerimonial do retrato, sugerindo consciência do ato fotográfico e da importância simbólica daquele registro. Trata-se de um registro fotográfico posado, com composição frontal e enquadramento simples. Os três homens ocupam o centro da imagem, sem elementos arquitetônicos ou objetos que desviem a atenção. A fotografia apresenta sinais claros de envelhecimento, o que reforça seu caráter de documento histórico. O fundo vegetal não é neutro, mas funciona como pano de fundo natural, comum em fotografias feitas fora de estúdios.

No plano da memória, a fotografia preserva mais do que rostos, ela guarda fragmentos de uma experiência social e histórica. O documento latente revela um modo de vida marcado pela simplicidade material, pela centralidade do masculino e por códigos rígidos de comportamento e apresentação pública. A imagem funciona como um testemunho silencioso de uma cultura visual do passado, permitindo acessar valores, relações sociais e formas de representação que já não são hegemônicas no presente.

Na continuidade da escrita, Wille narra como se deu seu contrato como professor luterano na Solidez no ano de 1923 e do fato da escola missionária ter sido fechada naquele ano. “Desde janeiro de 1923, a escola missionária havia sido infelizmente fechada por voto da maioria.” (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa). Wille não menciona no artigo, mas ele foi um grande incentivador para que os membros da missão tivessem sua própria capela. “No final de 1923, a comunidade colocou em prática o conselho da comissão missionária e nomeou o autor destas linhas como seu professor. (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa). Portanto, Wille começou neste momento da sua trajetória a trabalhar oficialmente como professor da igreja luterana junto com o grupo de missão entre a comunidade negra. Neste percurso surgiram dificuldades como podemos ver a seguir na sua narrativa. “Os cultos missionários não podiam mais ser realizados na igreja paroquial. Isso foi um duro golpe para a missão”. (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa).

Conforme as palavras de Wille, “mas isso acabou sendo para o bem da missão, era necessário garantir que os membros da missão também tivessem sua própria sede.” (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa). Antes da construção da capela de Manoel do Rego, as atividades religiosas eram realizadas na casa da família Alves. “No começo realizava cultos na residência de uma pessoa negra, Valério Antônio Alves, cujo filho foi para o Seminário Concórdia e se tornou o primeiro pastor negro da América do Sul.” (Rehfeldt, 2003, p. 99). Neste contexto histórico se deu a fundação da congregação Manoel do Rego.

A capela foi construída bem próxima a outra congregação luterana de Solidez, no 1º Distrito de Canguçu. Como já mencionado acima, ocorreram conflitos entre os dois grupos alemães e negros e então “em 1925 é fundada pelo Sínodo de Missouri a comunidade negra do Manoel do Rego.” (Weiduschadt, Teixeira, Beiersdorf, 2013, p. 258). O objetivo era “no intuito de disseminar a religiosidade luterana a outras etnias.” (Weiduschadt, Teixeira, Beiersdorf, 2013, p. 258). Para que os membros de Manoel do Rego tivessem a sua própria sede, Emílio Wille doou um terreno

para a construção da capela. “Emílio Wille, doou um terreno bem localizado e nele uma capela foi construída.” (Rehfeldt, 2003, p. 99). No artigo ele não menciona este fato de ter sido ele mesmo que doou o terreno, apenas escreve que “um membro da comunidade alemã doou um terreno.” (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa). O professor Emílio Wille ainda relata que “outros forneceram madeira e os próprios negros trabalharam diligentemente e prepararam o terreno. Com o benefício adicional de outros fiéis da comunidade, a capela da missão foi construída, como pode ser visto na imagem”. (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa).

A quinta e última fotografia que foi publicada e apresentamos abaixo, mostra um grupo de pastores e professores da IELB, entre eles Emílio Wille, ele aparece em pé com a mão no bolso e a cabeça levemente inclinada, muito elegante e bem vestido e posicionado. No texto Emílio Wille escreve que a “a capela da missão foi construída como pode ser visto na imagem”, mas nesta fotografia não é possível ver a capela ao fundo, somente os participantes da conferência distrital luterana do Sul posando para fotografia na frente de uma construção. É possível que o prédio no fundo seja a capela da congregação de Manoel do Rego. Ou então, que a intenção de Wille era publicar a capela, uma vez que ele escreve isso no texto, mas na editoração a foto tenha sido trocada pela da conferência.¹⁴ Fato é que essa é a última fotografia da narrativa apresentada no *Luther-Kalender*.

Fotografia 5 - Publicada na página 42 do *Luther-Kalender* de 1928 - “Conferência Distrital Sul”.



Fonte: Acervo próprio do anuário *Luther Kalender* - Doação da Gertrudes Buss Pinz.

Em descrição factual, a fotografia apresenta um grupo de sete homens, organizados em duas fileiras, em que três estão sentados à frente e quatro estão em pé atrás. Todos vestem ternos escuros, camisas claras e gravatas, e alguns seguram chapéus. O cenário é externo, com vegetação ao redor e uma edificação ao fundo, visível pela porta de madeira. A imagem é em preto e branco, com baixa definição e sinais de desgaste, indicando ser registro antigo.

Eles se encontram em trajés formais, a disposição hierárquica do grupo e a pose

¹⁴ A Conferência Distrital da IELB é um encontro regional que reúne congregações, pastores e líderes de uma determinada área geográfica (distrito) para comunhão, estudos, fortalecimento da fé e alinhamento de trabalhos.

frontal indicam um retrato coletivo institucional e profissional. O uso do chapéu, comum no período, reforça códigos de civilidade e respeito social. A presença da construção ao fundo sugere um espaço associado a uma instituição religiosa, educacional ou administrativa. Trata-se de um tipo de imagem recorrente no início do século XX, utilizada para registrar grupos considerados socialmente relevantes.

Em um plano mais profundo, a fotografia expressa valores culturais como ordem, autoridade, respeitabilidade e pertencimento social. A organização do grupo e a formalidade dos trajes revelam uma visão de mundo pautada na valorização do masculino, da hierarquia e da representação pública do status. Segundo Panofsky (2017), a imagem ultrapassa o simples registro e se configura como uma expressão simbólica de uma elite local e institucional, que se apresenta como portadora de legitimidade social e moral em seu contexto histórico.

Na análise segundo Boris Kossoy (2020), o que se vê é um registro fotográfico posado, cuidadosamente composto. O enquadramento inclui tanto os indivíduos quanto o ambiente, sugerindo a intenção de situar o grupo em um espaço significativo. A fotografia apresenta marcas do tempo, o que reforça seu caráter de documento histórico e de memória visual. Ainda sob a perspectiva de Kossoy, a fotografia é uma construção simbólica. A escolha de fotografar o grupo diante da edificação indica a intenção de associar os sujeitos ao espaço, conferindo legitimidade institucional à imagem.

A pose formal e os olhares direcionados à câmera revelam consciência do ato fotográfico e do desejo de perpetuar uma imagem de coesão, seriedade e prestígio. No plano da memória, a fotografia preserva uma narrativa coletiva. O documento latente revela não apenas quem eram esses homens, mas como desejavam ser lembrados: unidos, respeitáveis e vinculados à instituição e função social religiosa luterana. A imagem funciona como testemunho de um tempo histórico marcado por códigos rígidos de representação social e pela centralidade da fotografia como instrumento de construção da memória e da identidade coletiva.

Na continuidade do artigo de Wille, podemos ler sobre a continuidade do trabalho do pastor Drews após Emílio Wille assumir as aulas das escolas: “Como o pastor foi dispensado de suas funções na escola, ele teve mais tempo para se dedicar ao trabalho missionário” (Wille, 1928, p. 42, tradução nossa). Na sequência, Wille escreve também sobre o trabalho na “missão” na congregação Manoel do Rego, onde criaram “salas de aula para instrução de adultos” (Wille, 1928, p. 43, tradução nossa).

Wille explica ainda como se deu o fato de separar o “ministério alemão da missão entre negros e lusos”. Nesta parte do artigo, o autor relata como o pastor August Drews assumiu por completo o projeto de missão entre os lusos e os negros, como a congregação alemã passou a ser atendida por outro pastor, e como ele assumiu também o trabalho da escola paroquial: “A comissão pediu à congregação que enviasse alguém para aconselhá-la sobre o assunto. O resultado final das deliberações foi que a congregação estava preparada para liberar seu pastor”. (Wille, 1928, p. 43, tradução nossa). E continua explicando o histórico do pastor Drews, “que havia servido fielmente na igreja, na escola e na missão desde 1919, para se dedicar integralmente ao trabalho missionário”

(Wille, 1928, p. 43, tradução nossa). Uma vez que a IELB havia “liberado” o P. Drews, “O pastor Hirschmann, de Santa Coleta, assumiu o cuidado pastoral da congregação. Tanto a escola paroquial quanto a escola missionária são agora dirigidas pelo autor destas linhas”. (Wille, 1928, p. 43, tradução nossa). Assim, Wille narra como ocorreu o fato de ter começado oficialmente o trabalho de professor da IELB então também entre os descendentes de alemães, passando a atender os dois grupos da comunidade de Solidez.

Observa-se que o autor procurava colocar em prática o projeto do luteranismo tanto na igreja como na escola. Neste período da sua trajetória, Emílio Wille estava atuando há cinco anos como professor missionário de Manoel do Rego, desde 1923, e a partir de 1927 também havia assumido a escola paroquial da IELB na Solidez. Ele estava com 41 anos de idade e pela conclusão do texto fica evidente que queria com muito entusiasmo, contribuir com o projeto do luteranismo para que este continuasse com o “evangelho, puro e verdadeiro na igreja e escola [...] ajudaremos o restante da nossa turma a se aproximar cada vez mais de uma comunidade cristã local. Isso eu quero fazer (Wille, 1928, p. 44). Emílio Wille começou a trabalhar oficialmente como pastor da IELB no ano de 1933, com 47 anos de idade.

É possível perceber pela escrita de Wille que ele incorporou o *habitus* religioso luterano na sua vida, o que contribuiu decisivamente para que persistisse por muitos anos a fim de ser reconhecido oficialmente pela IELB para trabalhar como pastor. Esse *habitus* religioso provavelmente produziu nele a ideia de vocação ou chamado, do sacrifício como uma virtude moral, e a disposição para lutar contra resistências sociais e oficiais da direção da IELB (que Wille jamais relata em seus textos), bem como para administrar tensões que ocorreram entre as comunidades da Solidez, conforme podemos analisar no texto por ele escrito.

No campo religioso simbólico, algumas profissões podem ser vistas como mais dignas ou adequadas, como era o caso da perspectiva de Wille, que buscava se legitimar na missão com aspiração para o pastorado. Conjectura que nos faz pensar sobre a possibilidade de que o texto por ele escrito no *Luther-Kalender* tenha sido uma tentativa de ser visto e reconhecido oficialmente na IELB. Entretanto, não temos evidências de que a ideia do envio do artigo tenha surgido de Wille, nem de que tenha sido convidado pela Igreja para escrever sobre o contexto histórico de Solidez, o que também poderia ter acontecido, uma vez que o contexto da missão era pioneiro para IELB e relevante de ser publicizado.

Considerações Finais

O texto escrito por Emílio Wille e as cinco fotografias publicadas no seu artigo do *Luther-Kalender* permitem entender o contexto histórico da trajetória do início do trabalho nas duas escolas das comunidades negra e luso e da teuto-brasileira, além da sua atuação *sui generis*. A análise de

fontes documentais revelou informações concretas e contextualizadas, fornecendo mais evidências para interpretar os fatos históricos. A análise iconográfica auxiliou em uma melhor compreensão visual dos agentes presentes no contexto, evidenciando como imagens e ícones podem refletir valores, ideais e relações de poder. Já a aplicação da metodologia do campo de Bourdieu ofereceu um marco teórico consistente para relacionar práticas, disposições e posições sociais, mostrando como agentes e estruturas interagem na construção de trajetórias.

Portanto, a integração da trajetória de vida, da análise documental e da leitura iconográfica com a perspectiva do campo de Bourdieu permitiu compreender não apenas os eventos e representações, mas também as relações de poder e significados simbólicos que os atravessam. Por esse viés teórico, ainda evidenciou-se experiências individuais, práticas sociais e produções culturais que se entrelaçam, mostrando que interpretar a realidade exige olhar simultaneamente para os fatos, para os símbolos e para os contextos estruturais que os moldam.

O projeto de vida de Emílio Wille pode ser compreendido como resultado da relação entre *habitus* e campo religioso. Socializado em um contexto fortemente marcado por valores e práticas religiosas luteranas, ele incorporou disposições que o orientaram nas suas percepções sobre vocação e trabalho, o que influenciou sua escolha pela missão religiosa na educação e no pastorado. Contudo, ao optar por esse projeto, deparou-se com resistências simbólicas no interior do campo religioso ao qual pertencia. Tal situação insere sua trajetória em uma dinâmica de disputas nas quais a busca pelo reconhecimento social de sua vocação passa a constituir um elemento central de seu projeto de vida.

Desse modo, sua trajetória evidencia que as escolhas individuais não se explicam apenas por motivações subjetivas, mas pela interação entre disposições incorporadas, *habitus* e as estruturas objetivas do campo religioso, que delimitam possibilidades, produzem tensões e demandam estratégias de legitimação. Por fim, o artigo escrito por Emílio Wille e publicado em 1928 no *Luther-Kalender* apresenta o histórico e os desafios enfrentados por todos os envolvidos neste contexto do início das duas escolas, a de missão entre os negros e lusos e a escola paroquial entre os descendentes de alemães e pomeranos na Serra dos Tapes.

Referências

ALBRECHT, Elias. A revista Jovem Luterano: educação, doutrinação e sociabilidade na identidade juvenil do Sínodo do Missouri (1929-1971). Tese de Doutorado. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2024.

ALBRECHT, Elias.;WEIDUSCHADT, Patrícia. A pedagogia de lutero presente em cartilhas escolares em língua alemã produzida por sínodos luteranos no RS. Revista da Igreja Luterana. 2020. Acesso em <https://revistaignejaluterana.com.br>

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica - Usos e abusos da história oral. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira-Coordenadoras. 8. ed. Rio de Janeiro. editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Microcosmos: Teoria dos campos. Tradução de Sérgio M. Pêsoa de Barros, Clóvis Marques. E. USP, São Paulo, 2025.

DREWS, August. Lar Cristão – Anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966.

DOURADO, Stella Moreira. O almanaque enquanto documento de informação e comunicação popular escrita: a coleção da família Carneiro Rezende. Dissertação/UFRJ - Stella Moreira Dourado. Rio de Janeiro, 2018. 165 f.

GONÇALVES, Pôrto Dilza. A Memória Na Construção De Identidades Étnicas: Um Estudo Sobre As Relações Entre “Alemães” E “Negros” Em Canguçu. Dissertação-PUC, Porto Alegre, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 5. ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LEHMANN, Escher Almeida, Celine. A propósito da leitura de altas verdades vitais: impressão, difusão da palavra escrita em língua alemã e práticas de leitura do almanaque Der Familienfreund (RS, 1912-1956). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

NEUNFELD, Beatriz Hellwig e WEIDUSCHADT, Patrícia. Trajetória de vida dos professores/pastores luteranos John Hartmeister e Emílio Wille (1877-1965). RELACult–Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V.10, nº 01, jan.-jun., 2024. Acesso em <https://periodicos.clac.org/index.php/relacult/article/view/2601>.

PANOFKY, Erwin. Significado nas artes visuais. São Paulo: Perspectiva; 2017.

KOSSOY, Boris. Fotografia & história. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NEUMANN, Rosane Marcia- Representações Da Colônia Neu-Württemberg Nos Kalender Rio-Grandenses. Anpuh/RS, 2020.

REHFELDT, Mário. Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre – RS: Concórdia, 2003.

SOARES, Nara Beatriz Matias. Trajetórias e identidade quilombolas: uma análise geracional junto a comunidades quilombolas de Canguçu/RS. Dissertação UFPEL, Pelotas, 2024.

WEIDUSCHADT, Patrícia. A revista O Pequeno Luterano e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas- RS (1931-1966). Tese de Doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

WEIDUSCHADT, Patrícia. Souza, Marcos Teixeira. Beiersdorf, Cássia Raquel. Afro-Pomeranos: Entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida. Identidade! São Leopoldo. v. 18 n.2. P. 249-263, jul./dez. 2013.

WILLE, Emílio. Der Luther-Kalender für Süd-América. Porto Alegre – RS: Concórdia, 1928.

Recebido em 17 de março de 2026

Aprovado em 15 de abril de 2026

Publicado em 20 de abril de 2026